

UM INQUÉRITO LINGÜÍSTICO POR DENTRO

Oswaldo Pinheiro dos Reis
Universidade do Paraná

Recente inquérito linguístico-dialectológico, realizado pelos alunos da cadeira de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, no lugarejo do Rio dos Me-deiros, no município de Guaraqueçaba, tem uma história que precisa ser contada por quem, de dentro, lhe observou todos os passos e lhe segue ainda o processo moroso e lento embora, em que se desenvolve, nesta longa fase de gestação que exige qualquer trabalho dessa natureza.

A importância dos inquéritos, lingüísticos em que se empênam alunos de letras como parte de sua formação teórico-prática (pois ambos os aspectos devem ser cuidadosamente examinados), nunca será demasiado encarecer.

O inquérito põe o estudante em contacto com a realidade vital, com a língua vulgar na sua espontaneidade e riqueza de informação, língua para a qual talvez não se tenha ainda chamado a sua atenção e quem sabe nem lhe pareça oportuno ou interessante estudar por se tratar, na sua deturpada opinião, de uma forma espúria de degradação e degenerescência da "bela, pulcra, cantante língua literária".

Vai, portanto, o inquérito, rasgar, aos olhos maravilhados do pesquisador, um horizonte vastíssimo, uma mina feraç de novos e inesperados conhecimentos.

A escola, como a temos, guardiã e defensora da língua literária que inculca através de regras gramaticais de nem sempre bem fundada dedução e com a férula (não era antigamente risonha e franca?) que lhe castiga os desvios, apodados do nome terrível de erros, contribui para criar um sentimento de

desprezo injustificável pelas formas populares. Aqui se fere o combate entre a gramática normativa no que ela tem de intrinsígeno e retrógrado e os princípios elementares de lingüística que considera todas as manifestações da linguagem popular como material de primeira ordem, para averiguações e investigações de fenômenos sincrônico e diacrônico de uma língua.

Com efeito, a apreciação e análise dos fatos da língua vulgar nos oferecem numerosas oportunidades de estudar, atualmente aspectos lingüísticos que só conhecíamos através de informações históricas. É bem por isso que a geografia lingüística, de que o inquérito constitui um dos processos tem sido chamada, conquantos abusivamente, disse, porque aqui não se provocam as reações mas apenas se observam, como elas se apresentam.

Como quer que seja, o contacto com a língua vulgar e o respeito que por força dos próprios métodos de pesquisa lhe temos de devotar, sob pena de frustrarmos os resultados, constituem escola de reabilitação dos falares regionais e dialetais que vai proporcionar ao inquiridor a formação de uma mentalidade lingüística bem diferente daquela mentalidade literária, que o estudo dos autores clássicos lhe propiciou, nas aulas de literatura e língua (literária) portuguêsa.

Estamos, em face da língua popular, em situação análoga à em que se encontravam aquêles que, no período histórico da formação das línguas neolatinas, por exemplo, escreviam latim e falavam romance.

De tudo o que se disse, decorrem problemas básicos do ensino da filologia, como entre outros:

- a) O conceito de correto e de incorreto, que deve ser fixado de um ponto de vista social.
- b) O processo de dialetação e unificação das línguas.
- c) A conceituação antiga e a moderna de língua e de dialeto.
- d) O mecanismo da formação e da evolução das línguas.
- e) A questão dos arcaísmos e dos neologismos.
- f) A linguagem expressiva e afetiva, como reflexo da mentalidade do povo do grau de cultura e educação de uma comunidade.

Ao lado destas grandes questões gerais, surgem numerosos problemas particulares de interpretação, de técnica que bem merecem capítulo à parte.

Por tudo isso, tinha carros de razão Dâmaso Alonso quando, em trabalho intitulado "Sobre o ensino da filologia" insistia na conveniência de destinar uma aula, da cadeira, e à margem das lições propriamente ditas, à prática de recolha de materiais".

E Manuel de Paiva Boléo, na mesma ordem de idéias, escreveu algures que "é indispensável criar as condições de se poder fazer, pelo menos no segundo ano de filologia portuguêsa, o que se pratica nas Universidades suíças: a excursão lingüística ou dialetal com reduzido número de alunos e sob a direção do professor" à semelhança do que fazem, entre nós, os geógrafos.

O inquérito lingüístico, como complemento das aulas teóricas de filologia, proporcionará aos alunos inteligentes e de bom lastro científico aquêle "saber de experiência feito" que é o apanágio de toda cultura sólida e verdadeira.

Mas não se realiza um inquérito de qualquer jeito. Impõe-se uma preparação técnica e um roteiro bastante flexível que habilite a inteligente coleta do material, impeça a dispersão sem constrangimentos nem limitações draconianas.

O interesse pelo nosso surgiu em aula de dialetologia, ao descrever o professor o ritmo das investigações e os resultados a que inquéritos lingüísticos chegaram em países de língua românica, em especial modo na Rumânia e em Portugal. Propôs uma aluna se visitasse Rio dos Medeiros que, pelo seu isolamento geográfico, haveria de fornecer interessantes dados lingüísticos e culturais (1).

Não se recomenda trabalho desta natureza a alunos principiantes de cursos de letras. Ainda não possuem base lingüística que os oriente e lhes propicie os recursos de interpretação tão necessários que aí reside toda a importância do inquérito:

(1) — Quando se publicar o resultado desta pesquisa comprovar-se-á a veracidade do assérto.

coleta inteligente e honesta do material, fase preliminar; e classificação e interpretação do mesmo, fase final.

Se alguns alunos podem vir do curso colegial com noções de metaplasmos, poucos são os que já ouviram falar em símbolos de fonética para transcrição de textos.

Aqui importará recordar coisas velhas e não esquecer de acrescentar-lhes novas. Sobretudo estas. E após a teoria, a prática. Fazer exercícios.

Escolhemos uma música popular então em grande voga ("Mulher rendeira", do filme "Cangaceiro") e fizemos transcrição fonética da quadra que, por muito repetida na gravação, facilitou enormemente o trabalho. Transcrito o texto (que nem todos ouviram bem, apesar de muito rodado o disco) passamos à análise de seus fenômenos lingüísticos, de suas peculiaridades populares sobretudo. Esta experiência teve por objetivo habituar os alunos a ouvir o que alguém diz (e não o que supomos ouvir), a transcrever o texto apreendido e a analisá-lo devidamente. (2).

Providos dêstes recursos, organizamos a ficha da localidade: dados históricos e geográficos. Foi muito difícil. Apenas uma "Memória" faz referências brevíssimas ao Rio dos Medeiros (3). Os outros historiadores paranaenses nem sequer lhe citam o nome.

Ao mesmo tempo, foram organizadas as fichas dos informantes, com os quesitos com que é costume compô-las: nome, profissão, domicílios, etc. Tais referências são indispensáveis para o controle do material. Por meio delas se resolvem numerosas dúvidas, equívocos e discrepâncias de observação.

Passamos às qualidades dos entrevistados, a serem interrogados. A população medeirana pertence a um mesmo nível: pescadores de pouca cultura. Assim mesmo surpreendemos va-

(2) — Estamos tão habituados a ler também que nem imaginamos que o pronunciamos de forma bem diferente. Quanto dizem *familha crentes* que estão proferindo *família*.

(3) — Antônio Vieira dos Santos: "Memória Histórica, Topográfica e Descritiva da Cidade de Paranaguá e do seu Município. 1850". Curitiba. 1922.

riantes, não digo de classes sociais, mas de contatos de civilização; quase todos os habitantes da "ribancera", bastante inteligentes, são geralmente analfabetos. Houve escola que cerrou suas portas por falta de professor. Hoje reabriram-na. Apareceu um corajoso mártir da ciência. Infelizmente, com duas exceções apenas, todo o pessoal traz a dentadura muito avara-
da. Mas também elas repetem os fenômenos fonéticos de curso geral.

Não se pode esquecer também o que se exige do pesquisador em casos que tais. Dêles se pedia algum sacrifício. Simplicidade de maneiras e de trajes, afabilidade, visita a casas pouco asseadas e enfumaçadas, refeição do que se oferecia, nem sempre deleitoso ao paladar.

Foram inquiridos por processos que reputo os mais perfeitos todos os habitantes da localidade. Chegamos à conclusão que o trabalho a dois era o mais proveitoso: enquanto um conversava, o outro cautelosamente tomava as notas. Depois da entrevista, discutiam ambos as notas colhidas e já de imediato eliminavam-se as falsas percepções.

Textos cantados foram recolhidos os que se referiam ao fandango e às canções de roda de crianças. Com aquêle material apresentaram alguns alunos valiosa contribuição ao II Congresso Brasileiro de Folclore, aprovada e mandada incluir nos anais. Da mesma forma, de outro aluno, receberam igual distinção algumas notas sobre a pesca do lugar (1).

Era preciso delimitar os assuntos de palestra com os mediranos, simples pretexto para coleta de informações lingüísticas. Assim, distribuíram-se alguns temas, como crenças e credícies, alimentação, pesca, vida quotidiana, acidentes da terra, relações sociais, etc. As notas vieram acompanhadas de fotos, esquemas, desenhos, notações musicais. Cada aluno preparou, a propósito de seu assunto, um questionário muito flexível e, antes do mais, apenas básico.

Não nos passou despercebido o folclore da região, os cos-

(1) — "Contribuição ao Estudo do Fandango do Rio dos Medeiros" e "A linguagem da pesca em Rio dos Medeiros".

tumes tradicionais, os aspectos etnográficos. De tudo isso se dará conta quando vierem a lume as conclusões do inquérito.

Em duas excursões de três dias cada, esteve o grupo em Rio dos Medeiros, às vêzes sob condições atmosféricas desfavoráveis. Mas nada conseguiu arrefecer o entusiasmo dos que se lançaram ao trabalho, mesmo sob as chuvas e rajadas de vento impetuoso.

De volta, após cada uma das excursões, reunidos em seminários, realizados em períodos extra-escolares, procedeu-se à discussão, classificação do material lingüístico e à elaboração do esquema geral do trabalho a ser publicado. É uma experiência altamente instrutiva e que requer conhecimentos seguros, vivacidade de espírito e boa formação profissional.

De passagem por Curitiba, assistiu a uma destas o prof. Silveira Bueno, da Universidade de S. Paulo, o qual assim se houve ao apreciar os nossos debates e ao tomar contato com esta iniciativa: “Na cadeira de Filologia Romântica o prof. Pinheiro dos Reis levou a efeito uma grande pesquisa dialetológica nos moldes mais perfeitos da Europa: ajudado por um grupo decidido de estudantes, onde havia músicos, fotógrafos, taquígrafos, desenhistas, passou largo tempo entre os habitantes de um lugarejo do litoral de Paranaguá, cujo falar e costumes são ainda primitivos, quase isentos de influências generalizadoras. A recolha do vocabulário, a fixação da pronúncia, as particularidades da entonação da frase, os diversos matizes da semântica, tudo foi estudado e rigorosamente observado. Como contribuição etnográfica, vieram os utensílios, a cerâmica ainda primitiva, a maneira tôda especial de cobrir as casas, os recursos de sua indústria rústica, sem faltar a parte folclórica das danças, dos cantos, do estranho fandango aí executado, das rezas, das superstições curiosíssimas” (2).

Muito contribuíram para a nossa pesquisa, as investigações de Paiva Boléo (3), de Sever Pop, fundador do Centro Internacional de Dialetologia Geral, junto à Universidade de

(2) — Silveira Bueno: “A Faculdade Católica de Curitiba”. *Folha da Manhã*, de 15-11-53. S. Paulo.

(3) — M. de Paiva Boléo: “O estudo dos dialetos e falares portuguêsos”. Coimbra. 1942.

Louvain (4), de A. Dauzat (5), o plano de levantamento da geografia lingüística do Brasil de Cândido Jucá, filho, (6) notas esparsas de Leite de Vasconcelos sobre linguagem popular (7), e as excelentes monografias publicadas na Revista Portuguesa de Filologia, da lavra de alunas da Faculdade de Letras de Coimbra (8).

O trabalho está em elaboração. Também seremos devedores de sua realização e resultados ao Prof. Dr. Homero Batista de Barros, diretor da Faculdade, o qual por tôda forma auxiliou êste empreendimento, com isto dando provas de seus interesse por tôdas as atividades científicas de nossa Escola.

A equipe de pesquisadores é composta dos seguintes membros, cujos nomes aqui assinalo, menos por efeito de lisonja do que por sentimento de gratidão pela colaboração prestada e pela natural necessidade de fazer saber, a quem interessar possa, quais são êstes pioneiros dos estudos lingüístico-dialektais em nosso Estado:

Curso de Letras Clássicas:

Cléa de Lourdes Araújo de Macedo.

Curso de Neolatinas:

Ady Ferreira Campolim

Carmen Maria de Albuquerque Maranhão

Edda Arzúa Ferreira

Eloyr Blanck

Rosy Neves

Serafina Traub Borges do Amaral.

Assistente da Cadeira:

Antônio Ribas Koslosky.

(4) — Sever Pop: "L'Atlas Linguistique Roumain". Rev. Port. de Filol., Vol. I, tomo II. "La Dialectologie" 1e. Partie. Louvain.

(5) — A. Dauzat: "Les Patois" (3e. Partie: "L'étude des patois"). Delagrave. Paris. 1946.

(6) — Cândido Jucá, filho: "Plano de trabalhos preparatórios para levantamento da Geografia Lingüística do Brasil", na Revista Filológica, ano II, n.º 12.

(7) — J. Leite de Vasconcelos: "Da fala do povo considerada em geral". Opúsculo vol. I, pg. 331-345.

(8) — Monografias sobre Fafe, Porto Santo, publicadas em diversos tomos da RPF.